

DEIXA
ELA
ENTRAR

JOHN AJVIDE
LINDQVIST

Tradução de Luíza Thomaz

TORDSILHAS

Rio de Janeiro, 2023

Para Mia, minha Mia

Amostra

O LOCAL

Blackeberg.

Faz você pensar em biscoitos de coco, ou drogas, talvez. “Uma vida respeitável”. Pensamos em estação de metrô, subúrbio. Provavelmente não vem mais nada à mente. Lá devem morar pessoas, bem como em outros lugares. Por isso foi construído, afinal, para elas terem onde morar.

O lugar não se desenvolveu de forma orgânica, é claro. Aqui tudo foi planejado com cuidado desde o princípio. As pessoas então ocuparam os lares construídos para elas. Prédios de concreto terracota espalhados em campos verdejantes.

Quando esta história começa, Blackeberg, o subúrbio, já existia há 30 anos. É de se imaginar que ele tenha despertado um espírito de pioneirismo. As caravelas, uma terra desconhecida. Sim. Dá para imaginar aqueles prédios vazios esperando seus ocupantes.

E lá vêm eles!

Marchando pela Ponte Traneberg sob o sol, com o futuro brilhando em seus olhos. O ano é 1952. Mães carregam seus pequenos no colo, empurram carrinhos de bebê ou os seguram pela mão. Os pais não levam pás e enxadas, mas utensílios de cozinha e móveis práticos. Provavelmente cantam algo. “A Internacional”, talvez. Ou cânticos de religiosos, dependendo da predileção.

É grande. É novo. É *moderno*.

Mas não era assim.

Eles vieram de metrô. Ou em carros, caminhões de mudança. Um por um. Adentraram os apartamentos prontos com seus pertences. Organizaram suas coisas nos cubículos e prateleiras delimitados, arrumaram os móveis sobre o piso de cortiça. Compraram o que faltava para preencher os vazios.

Ao terminarem, ergueram o olhar para a terra dada a eles. Saíram pelas portas e constataram que ela já havia sido reivindicada por completo. Melhor então se ajustar àquela realidade.

Havia um centro da cidade. Parquinhos espaçosos para as crianças. Grandes áreas verdes por perto. Muitas pistas exclusivas para caminhada.

Era um bom lugar; foi o que disseram uns aos outros à mesa da cozinha cerca de um mês após a mudança.

— Viemos para um bom lugar.

Só faltava uma coisa. Um passado. Na escola, as crianças não podiam fazer nenhum projeto especial sobre a história de Blackeberg, pois não havia uma. Quer dizer, havia algo sobre um antigo moinho. Um magnata do tabaco. Alguns prédios estranhos na costa. Mas isso fora há muito tempo, sem conexão alguma com o presente.

Onde agora estavam os prédios de três andares, antes só havia floresta.

Estava além dos mistérios do passado; não havia nem uma igreja. Nove mil habitantes e nenhuma igreja.

Isso revela algo sobre a modernidade do lugar, sua racionalidade. Revela o quanto estavam livres dos fantasmas da história e do terror.

Explica, em parte, o quanto estavam despreparados.

Ninguém os viu se mudar para lá.

Em dezembro, quando a polícia finalmente conseguiu localizar o motorista do caminhão de mudança, ele não teve muito a dizer. Em seu registro, só havia escrito “*18 de outubro. Norrköping-Blackeberg (Estocolmo)*”. Lembrou-se de que eram um pai e uma filha, uma menina bonita.

— Ah, e outra coisa. Quase não tinham móveis. Um sofá, uma poltrona, talvez uma cama. Foi um trabalho fácil, na verdade. E... sim, eles queriam que fosse à noite. Eu disse que seria mais caro, né, com a taxa de hora extra e tudo mais. Mas não era problema, só precisava ser à noite. Isso parecia muito importante. Aconteceu alguma coisa?

Informaram ao motorista sobre os acontecimentos, sobre quem havia levado em seu caminhão. Os olhos dele se arregalaram e miraram novamente as letras sobre a página.

— Raios me partam...

Seu rosto se contraiu como se sentisse repulsa por sua própria caligrafia.

“*18 de outubro. Norrköping-Blackeberg (Estocolmo)*”.

Fora ele que os havia transportado. O homem e a filha.

Não revelaria isso a ninguém, não enquanto vivesse.

PARTE UM

FELIZ ELE QUE
TEM TAL AMIZADE

*A melancolia de amor
cria dor
rapazes!*

— Siw Malmkvist, “Kärleksgrubbel”

*Eu nunca quis matar. Não sou naturalmente mau
Faço tais coisas
apenas para parecer mais atraente para você
Não consegui?*

— Morrissey, “The Last of The Famous International Playboys”

Amostra

QUARTA-FEIRA

21 DE OUTUBRO DE 1981

— E o que acham que é isso?

Gunnar Holmberg, comissário de polícia de Vällingby, ergueu uma sacolinha plástica com um pó branco dentro.

Talvez fosse heroína, mas ninguém se atreveu a dizer nada. Não queriam que suspeitassem que sabiam desse tipo de coisa. Especialmente quando se tinha um irmão ou amigo de um irmão que usava isso. Heroína. Nem as meninas disseram nada. O policial balançou a sacola.

— Bicarbonato de sódio, talvez? Farinha?

Um burburinho de respostas negativas. Não queriam que ele pensasse que na turma 6B havia um bando de idiotas. Mesmo sendo impossível saber ao certo o que era aquilo na sacola, a lição era sobre drogas, então dava para chegar a certas conclusões. O policial se voltou para a professora.

— O que você anda ensinando pra eles em Ciências?

A professora sorriu e deu de ombros. A turma riu; o policial era legal. Alguns dos meninos puderam até tocar na arma dele antes da aula. Não estava carregada, mas mesmo assim.

O peito de Oskar parecia prestes a explodir. Ele sabia responder a pergunta. Doía não dizer nada quando sabia o que era. Queria que o policial olhasse para ele. Olhasse e dissesse que ele estava certo. Sabia que era má ideia, porém, levantou a mão mesmo assim.

— Sim?

— É heroína, né?

— De fato, é sim. — O policial o encarou de forma gentil — Como você sabia?

Várias cabeças se voltaram em sua direção, curiosas quanto a resposta.

— Não, é que... Quer dizer, eu leio muito e tal.

O policial acenou com a cabeça.

— Isso é bom. Ler. — Ele balançou a sacolinha. — No entanto, não vai sobrar muito tempo pra leitura se você se envolver com isso. Quanto vocês acham que vale essa sacola?

Oskar não sentiu necessidade de dizer mais nada. O policial o vira e falara com ele. Pôde até contar que lia muito. Era mais do que havia esperado.

Deixou-se levar por um devaneio. O policial viria até ele após a aula, demonstraria interesse, se sentaria ao seu lado. Então, Oskar contaria tudo, e o policial entenderia. Acariciaria seu cabelo e diria que estava tudo bem; ele o abraçaria e diria...

— X9 de merda.

Jonny Forsberg o catucou com força na cintura. O irmão de Jonny tinha envolvimento com drogas e, por isso, ele conhecia muitas palavras que os outros garotos da turma aprendiam bem rápido. Jonny provavelmente sabia quanto valia a sacola, mas não foi dedo-duro. Não falou com o policial.

Era hora do recreio e Oskar estava perto dos cabideiros, indeciso. Jonny queria machucá-lo — qual era a melhor maneira de evitar isso? Ficar no corredor ou ir lá pra fora? Jonny e os demais colegas de classe correram para fora da sala em direção ao pátio.

É mesmo! O policial estava com o carro estacionado no pátio, e quem se interessasse podia ir olhar. Jonny não ousaria bater nele com o policial lá.

Oskar atravessou o portão da frente e olhou pela janela de vidro. Como imaginou, todos os alunos estavam ao redor da viatura. Ele também gostaria de estar lá, mas não valia a pena. Alguém daria uma joelhada nele, outro puxaria suas roupas debaixo, dando-lhe um “cucção”, com ou sem policial.

Porém, ao menos naquele recreio, ele estava seguro. Foi para o pátio e esgueirou-se pela parte de trás do prédio até os banheiros.

Uma vez lá, apurou os ouvidos, limpou a garganta. O som ecoou pelas cabines. Ele pôs a mão na cueca e puxou rapidamente a Bola de Xixi, um pedaço de espuma do tamanho de uma tangerina que ele cortou de um colchão antigo e no qual fez um buraco para seu pênis. Ele a cheirou.

É, tinha feito xixi na calça outra vez. Enxaguou a bola na pia e a espremeu para tirar o máximo de água possível.

Incontinência. Era assim que se chamava. Ele havia lido sobre isso em um panfleto que pegou escondido na farmácia. Costumava ser algo que afetava mulheres idosas.

E a mim.

Havia remédios controlados que podiam ajudar, segundo o panfleto, mas ele não pretendia usar sua mesada para se humilhar no balcão da farmácia. E definitivamente não diria nada para a mãe; ela sentiria tanta pena que o faria passar mal.

Ele tinha a Bola de Xixi e ela funcionava, por enquanto.

Passos lá fora, vozes. Com a bola em mãos, ele correu para a cabine mais próxima e trancou a porta ao mesmo tempo que a do banheiro se abriu. Em silêncio, ele subiu na tampa do vaso, curvando-se para que seus pés não aparecessem caso alguém olhasse por baixo da porta. Tentou não respirar.

— Por-qui-nho?

Jonny, é claro.

— Ei, porquinho, você tá aqui?

Micke estava com ele. Os dois piores do grupo. Não, o Tomas era pior, mas ele quase nunca participava de coisas que envolviam socos e arranhões. Era esperto demais para isso. Provavelmente estava puxando o saco do policial agora. Se descobrissem a Bola de Xixi, era Tomas que seria capaz de realmente usar isso para machucá-lo e humilhá-lo por muito tempo. Jonny e Micke, por sua vez, apenas o espancariam e, para ele, isso não era um problema. Então, de certa forma, na verdade tivera sorte...

— Porquinho? Sabemos que está aqui.

Checaram sua cabine. Balançaram a porta. Bateram nela. Oskar abraçou com força suas pernas e cerrou os dentes para não gritar.

Vão embora! Me deixem em paz! Por que não me deixam em paz?

Agora Jonny falava em voz neutra.

— Porquinho, se você não sair agora, teremos que te pegar depois da aula. É isso que você quer?

Houve silêncio por um tempo. Oskar expirou com cuidado.

Eles atacaram a porta com chutes e socos. Ouviu-se um estrondo no banheiro inteiro e a tranca da porta começou a dobrar para dentro. Oskar deveria abri-la, ir até eles antes que ficassem mais irritados, mas simplesmente não conseguia.

— Por-qui-nho?

Ele havia erguido a mão na aula, uma declaração de existência, uma alegação de que sabia alguma coisa. Isso era proibido. Eles poderiam dar diversos motivos para a necessidade de atormentá-lo: ele era muito gordo, muito feio, muito nojento. O problema real, no entanto, era o simples fato de ele existir, e qualquer lembrete dessa existência era um crime.

Provavelmente só iriam “batizá-lo”. Enfiariam a cabeça dele na privada e acionariam a descarga. Não importava o que inventavam, sempre era um alívio quando terminava. Então, por que não era capaz de apenas abrir a fechadura, que de qualquer forma seria arrancada a qualquer momento, e deixá-los se divertirem?

Ele encarou a tranca que foi arrancada com um estalo, a porta que se abriu e bateu na parede, o sorriso triunfante de Micke Siskov, e então soube.

Não era esse o jogo.

Ele não poderia ter aberto a porta e eles não poderiam ter simplesmente pulado pelas laterais da cabine em uns três segundos, pois não eram essas as regras do jogo.

A eles cabia a euforia do caçador; a Oskar, o terror da presa. Após o capturarem, a diversão acabava e a punição era mais um dever que precisavam cumprir. Se ele desistisse cedo demais, era possível que investissem mais energia na punição do que na caça. Seria bem pior.

Jonny Forsberg enfiou a cara na cabine.

— Você precisa levantar a tampa se for cagar, sabia? Vamos lá, hora de grunhir como um porco.

E Oskar grunhiu como um porco. Fazia parte. Se ele grunhisse, às vezes deixavam ficar só nisso. Ele se esforçou ainda mais dessa vez, com medo que, de outra forma, ao puni-lo, tirassem sua mão da calça à força e descobrissem seu segredo nojento.

Ele franziu o nariz como o de um pouco e roncou; grunhiu e roncou. Jonny e Micke riram.

— Porco de merda, vai lá, ronca mais um pouco.

Oskar continuou. Fechou os olhos e continuou. Cerrou os punhos com tanta força que as unhas se cravaram em suas palmas, e continuou. Grunhiu e roncou até sentir um gosto estranho na boca. E então parou e abriu os olhos.

Haviam ido embora.

Ele ficou parado, curvado sobre o assento do vaso, e olhou para o chão. Havia um ponto vermelho no azulejo. Enquanto observava, outra gota caiu de seu nariz. Ele arrancou um pedaço de papel higiênico e o pressionou contra a narina.

Às vezes isso acontecia quando ele se assustava. Seu nariz começava a sangrar, do nada. Havia sido útil em algumas ocasiões nas quais eles queriam bater em Oskar e desistiram por ele já estar sangrando.

Oskar Eriksson permaneceu sentado e curvado com um pedaço de papel em uma mão e a Bola de Xixi na outra. Sangrou pelo nariz, fez xixi na calça, falou

demais. Vazou por todos os orifícios. Provavelmente, em breve começaria a se cagar também. Porquinho.

Ele se levantou e saiu do banheiro. Não secou o sangue no chão. Deixa alguém ver, imaginar o que houve. Deixe-os pensar que alguém foi morto aqui, pois alguém *morreu mesmo* aqui. Pela centésima vez.

* * *

Håkan Bengtsson, um homem de 45 anos com uma pequena barriga de chope, uma calvície cada vez maior e um endereço desconhecido pelas autoridades, estava sentado no metrô, olhando pela janela para o que viria a ser seu novo lar.

O lugar era meio feio, na verdade. Norrköping teria sido melhor. Dito isso, porém, os subúrbios a oeste não se pareciam em nada com os subúrbios tipo gueto de Estocolmo que ele vira na TV: Kista, Rinkeby, Hallonbergen. Aquele era diferente.

PRÓXIMA ESTAÇÃO: RÅCKSTA.

Parecia um pouco mais suave e simples que tais lugares. Embora, agora visse um verdadeiro arranha-céu.

Ele ergueu o queixo para mirar os andares superiores do prédio administrativo da Companhia Hidráulica. Não lembrava de ter visto prédios tão altos em Norrköping. No entanto, ele obviamente nunca fora até a área central.

Era para desembarcar na próxima estação, certo? Ele conferiu o mapa do metrô sobre as portas. Sim, na próxima.

POR FAVOR, MANTENHA DISTÂNCIA DAS PORTAS. PORTAS SE FECHANDO.

Alguém estava olhando para ele?

Não, só poucas pessoas estavam no vagão, todas absortas em seus jornais vespertinos. Amanhã haveria uma notícia sobre ele.

Seu olhar parou sobre um anúncio de *lingerie*. Uma mulher em uma pose sensual com calcinha e sutiã pretos de renda. Que coisa louca. Havia pele nua por toda parte. Por que toleravam algo assim? Qual o efeito disso na mente das pessoas, no amor?

Suas mãos tremiam e ele as pôs sobre os joelhos. Estava muito nervoso.

— *Não há mesmo outra solução?*

— *Acha que eu iria expor você a isso se houvesse?*

— *Não, mas...*

— *Não há outra solução.*”

Não havia outro jeito. Só precisava agir e não falhar. Havia estudado o mapa na lista telefônica, escolhido uma área florestal que parecia adequada, arrumado a bolsa e partido.

Ele havia cortado o logotipo da Adidas com a faca que estava na bolsa de ginástica entre seus pés. Foi um dos erros que cometera em Norrköping. Alguém lembrara a marca dela e a polícia a encontrou dentro da lixeira na qual a jogara, não muito longe do apartamento deles.

Hoje ele levaria a bolsa de volta para casa. Talvez a picotasse e a jogasse na privada. Era para ele fazer dessa forma?

Como é para isso funcionar, de qualquer modo?

ESTAÇÃO FINAL. O DESEMBARQUE É OBRIGATÓRIO.

O vagão do metrô cuspiu as pessoas que nele estavam e Håkan seguiu o fluxo, com a bolsa em mãos. Parecia pesada, embora a única coisa nela com certo peso fosse o cilindro de gás. Ele precisou se esforçar muito para andar em um ritmo normal e não como um homem no corredor da morte. Não podia dar motivos para ser notado.

Suas pernas, porém, pareciam ter virado pedra; queriam se fundir à plataforma. O que aconteceria se ele apenas ficasse ali, parado como estátua, sem mover um músculo, e apenas não fosse embora? Esperasse a noite cair, alguém notá-lo, chamarem... alguém para buscá-lo e levá-lo a algum lugar.

Continuou caminhando normalmente. Perna direita, perna esquerda. Não podia falhar agora. Coisas horríveis aconteceriam se o fizesse. O pior que podia imaginar.

Ao passar do posto de controle, olhou à sua volta. Seu senso de direção não era muito bom. Para qual lado era a área florestal? Não podia perguntar a ninguém, é claro. Precisava arriscar. Ir em frente, acabar logo com isso. Perna direita, perna esquerda.

“Precisa haver outra maneira.”

Mas não conseguia pensar em nenhuma. Havia certas condições, certos critérios. Só poderia cumpri-los assim.

Já havia feito isso duas vezes antes, e fizera besteira nas duas. Não fora tão ruim aquela vez em Växjö, mas o suficiente para precisarem se mudar. Hoje ele faria um bom trabalho, seria elogiado.

Talvez acariciado.

Duas vezes. Já estava perdido. Que diferença faria uma terceira vez? Absolutamente nenhuma. A sentença do tribunal do júri, com certeza, seria a mesma. Prisão perpétua.

“E moralmente? Quantos golpes de seu rabo, rei Minos?”

O caminho no parque onde estava tinha uma curva mais à frente, onde a floresta começava. Tinha de ser a mata que vira no mapa. O cilindro e a faca retiniam na bolsa. Ele tentou carregá-la sem sacudir o conteúdo.

Uma criança apareceu no caminho à sua frente. Uma menina, de talvez 8 anos, voltando para casa da escola com a mochila batendo em seu quadril.

“Não, nunca!”

Esse era o limite. Não uma criança tão nova. Melhor que fosse ele, então, até cair morto no chão. A menina estava cantando. Ele apertou o passo para se aproximar, para ouvir.

*“O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada...”*

As crianças *ainda* cantavam essa música? Talvez a professora da menina fosse mais velha. Que bom saber que a canção ainda existia. Ele gostaria de poder se aproximar ainda mais para ouvir melhor, tão perto que seria capaz de sentir o cheiro do cabelo dela.

Diminuiu o passo. Não crie confusão. A menina saiu do caminho, virando em uma pequena trilha que levava à floresta. Ela provavelmente morava em uma casa do outro lado. Em pensar que os pais dela a deixavam andar ali sozinha. E tão nova.

Ele parou, deixou a menina se afastar mais, desaparecendo na floresta.

Siga em frente, pequena. Não pare para brincar na floresta.

Aguardou cerca de um minuto, escutando um tentilhão cantar em uma árvore próxima. E então a seguiu.

* * *

Oskar estava voltando para casa da escola, com a cabeça pesada. Sempre se sentia pior quando conseguia escapar do castigo *daquela* maneira, bancando o porco ou outra coisa do tipo. Era pior do que quando era punido. Sabia disso, mas não conseguia suportar a ideia da punição física quando ela se aproximava. Preferia baixar a qualquer nível. Sem nenhum orgulho.

Robin Hood e o Homem-Aranha tinham orgulho. Se o Sir John ou o Dr. Octopus os encurralassem, simplesmente cuspiriam na cara do perigo, fosse o que fosse.

Porém, quem disse que o Homem-Aranha podia opinar? Ele sempre escapava, mesmo quando era impossível. Era um herói de quadrinhos e precisava sobreviver para haver uma edição seguinte. Ele tinha poderes de aranha, Oskar tinha o guincho de porco. O que fosse necessário para sobreviver.

Oskar precisava se consolar. Tivera um dia de merda e agora precisava de compensação. Apesar do risco de encontrar Jonny e Micke, ele foi até o centro de Blackeberg, para Sabis, o mercado local. Subiu pela rampa em zigue-zague em vez de pelas escadas, usando aquele tempo para organizar os pensamentos. Precisava ficar calmo agora, não suado.

Havia sido pego roubando uma vez na Konsum, outra rede de supermercados, cerca de um ano atrás. O guarda quisera ligar para sua mãe, mas ela estava no trabalho e Oskar não sabia o número, é sério, não sabia mesmo. Por uma semana, Oskar entrava em pânico a cada toque do telefone, mas então chegou uma carta, endereçada à sua mãe.

Que idiotice. Estava até com o remetente “Autoridade Policial, Distrito de Estocolmo”, e é óbvio que Oskar abriu o envelope, leu sobre seu crime, forjou a assinatura da mãe e reenviou a carta para confirmar que ela lera. Era um covarde, talvez, mas não era estúpido.

Mas o que era covardia, afinal? O que ele estava prestes a fazer era covardia? Encheu o casaco com diversas barras de chocolate. Por fim, pôs um pacote de balas gelatinosas entre a barriga e as calças, foi até o caixa e pagou por um pirulito.

No caminho para casa, andou de queixo erguido e quase saltitando. Não era apenas o porquinho que todos podiam maltratar; era o Ladrão Mestre que se arriscava e sobrevivia. Era mais esperto que todo o mundo.

Ao atravessar o portão da frente e chegar ao pátio de seu condomínio, estava seguro. Nenhum de seus inimigos morava ali, naquele círculo irregular de prédios dentro de um círculo maior formado por sua rua, Ibsengatan. Dois círculos de proteção. Estava seguro. Nesse pátio nada ruim havia acontecido com ele. Basicamente.

Crescera ali e era onde tivera amigos antes de começar a escola. Só no quinto ano começaram a implicar com ele de verdade. No fim daquele ano, havia se tornado um alvo completo, e mesmo os amigos que não eram de sua turma sentiram isso. Os convites para brincar se tornaram cada vez mais raros.

Foi nessa época que ele começou a fazer *scrapbook*. Estava indo para casa curtir seu livro de recortes naquele momento.

Vruuuuum!